Três poemas do livro "Ocaso Florido"

José Amancio[i]

I-

Um NÃO imenso

deste gélido sertão

é o que tenho!

Onde hei de assentar minh'alma, meu irmão?

É o carma da camantiga, onde me deito?

Caboclo não tem pátria, e a pedra

é desde o paladar do tempo

Já hoje sou o mais infeliz dos exulares

A mesa do boteco pega fogo!

A pinga branca ri da minha cara!

Aquele senhor de cãs desgrenhadas

tem pena de mim!

Já eu não tenho pena de mim

Eu sigo, eu sigo, eu sigo

A boleia dura desta dê vinte é o cão!

A boleia dura até onde o fel apura

No linguaral de mundo

que se estende em cinza

até nunca mais falar

eu sigo, eu sigo, eu sigo,

num linguaral sem fundo

até nunca mais calar

II-

Na iminência de um bocejo, passa

o tempo a cavalo

E a fauna enorme dos que

usam sapatos, também passa,

cada um após outro,

nesta avenida de basalto

A calçazul de orla suja

O livro sem capa, ensebado

As olheiras de uma fada sem condão

A bolsa repleta de quinquilharias

O arbóreo ridente que me avista, e quase

O seu velho paletó percosturado

E o amigo antigo, de mãos

empetecadas, já de nada mais carecem!

Comichão na mão esquerda!

Para onde vão os que acenam

em bandeirolas?

Vão para onde vão, por

veredas tão longas, que

nem há começo, e pisam

em feno-equino

III-

O olhar cruza a fundura

de tamanha ausência

e se dura, vê seu amor

exular — um ponto azul

no monte, que não se alcança

A flâmula deste tempo

pende no mastro de uma dor silente

dor de há muito, dor

dor de um tempo de uma pedra

e os pés que por aí passam, alçam o pó

Desterrou-se o instante

dos braços dela — onde haverá

de descansar?

Eis a tua mátria, de passagem e já passou

Tua mãe é morta

Teu pai é pedra de sílex

No fundo, no fundo a criança chora

E por que não cantas, ali, num galho,

com os pardais?

Rodai o orbe em busca, em vão, rodai

Olhai de redor o bater da rocha

Cavacar em ira de aço e cortar

Vão fendido na pele, no

horizonte deste tempo

E a memória? e a memória?

Cantai, ali, com os pardais!

VINTE E CINCO HORAS[1]

— Professor, meu amigo, como vais em

tuas vinte e cinco horas semanais? Já percebeu

o buraco em teu paletó, e um estalo quando a garganta dá um nó?

— Mas o buraco é minha sina; não busque a minha lida! Fuja disso!

Não permitas tornar-se um roedor e engolir a seco, o pó!

Eu mesmo agonizo em calos na garganta. Pelejar? Não adianta!

Engaiolado não canta. Sabes disso, não é? Tu nem precisas.

Esquiva-te! Horroriza-te! Calafria-te! Corre disso!

— O buraco! É nele que te socas quando a banda toca?

O que faz de ti o que tu és? A postura reverendíssima de uma pipoca?

— Não! Um pouco menos que a lama que arrasto aos pés: húmus

em giz. Mas eu sou professor, oh, Luzinete. E se eu não conseguir

a casa própria, o diabo que nos carregue!

— Que seja, reles! Mesmo estertorando, tão diminuta é tua peleja!

— Sou professor, Elizete, e se eu não conseguir manter

a casa, que caia sobre as vossas cabeças!

—Haverás de arranjar fundos — oh, miserável Jó —, para

dignificar-te: alugas, pois, o teu orifício, e vai-te à praça!

—Professor vinte e cinco horas, bravo esmoler! Tu ganhas um

salário e ainda és tachado de gastador. Mandam-te economizar!

Ordenaram-te à prudência! Leciona, ratazana. Abre a tua poupança!

Oh, coitado! Nunca deixou de ser verme e de ter o âmago acirrado.

Ele escrevia seus infernais em poesia — e ninguém lia, porque não

eram poesias; eram versos... E ainda ruminavam e ciscavam

precisamente ao meio dia, como quem queria ensinar ao universo

a ser feliz, tal qual fulingem no dorso de panela vazia.

(Engole as migalhas desse pão e morre!).

---

[1] Do livro “Elegia da Imperfeição”. Edições Parresia, 2001. ISBN: 85-7138-027-9.

[i] José Amâncio é nordestino de Karamaron (pseudônimo de Wellington Amancio da Silva) nasceu em 1979, no sertão de Alagoas (à moda da caatinga). Formou-se em Pedagogia em Filosofia. Mestre em Ecologia Humana. Atuou como professor universitário. É fotógrafo, artista visual e performático, multi-instrumentista e arranjador schoenbergeriano. Fundador da editora Edições Parresia e da revista "O Pardal". Seu livro "Tropicarma e Lamparina (Fotografia e textos) será lançado em Portugal, pela Editora Palimage.